



A Representação do Gaúcho nas Telenovelas: O Caso do Personagem Josué em Império¹

Maria Cláudia Burin Fogliarini²

Flavi Ferreira Lisboa Filho³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Através das perspectivas dos Estudos Culturais, o presente artigo busca compreender a representação do gaúcho, ou seja, da cultura e identidade gaúcha nas telenovelas da Rede Globo dos últimos cinco anos, destacando o último caso exibido na telenovela Império e, a partir das análises realizadas para um melhor entendimento do trabalho, evidenciou-se que a cultura gaúcha é representada sucintamente nas telenovelas da emissora.

Palavras-chave

Cultura; identidade; representação; telenovela; personagem gaúcho.

1. Introdução

O presente trabalho busca avaliar e compreender de que modo se dá a representação do gaúcho no meio audiovisual, em especial o caso do personagem Josué na telenovela Império da Rede Globo, e também da cultura gaúcha, através da perspectiva dos Estudos Culturais.

Os avanços ocorridos nos Estudos Culturais são decorrentes de questões de linguagem e estão relacionados às questões culturais, afinal, como afirma Hall (2003), “a cultura irá sempre trabalhar através das suas textualidades” e jamais será possível o seu apagamento. Fato este que se evidencia no personagem Josué, onde a cultura gaúcha é percebida através do texto verbal que a telenovela apresenta. Mesmo que nesta a

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Graduanda do curso de Comunicação Social – Habilitação: Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria, cursando o 7º semestre. Bolsista PIBIC/CNPQ. Iniciação científica no grupo de pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades. E-mail: mcfogliarini@gmail.com

³ Orientador. Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: flavilisboa@gmail.com



cultura gaúcha seja disseminada de maneira discreta, somente pelo discurso do personagem.

A base da análise se concentra em conceitos dos autores Raymond Williams (1961, 1969, 1989, 1992), Stuart Hall (1992, 1997, 2003, 2006) e Tomaz Tadeu da Silva (2009) no que diz respeito aos estudos culturais. Além destes foram utilizados os conceitos de identidade proposto por Zygmunt Bauman (2005), e de personagem descrito por Beth Brait (2002).

No texto primeiramente são esclarecidos os conceitos de cultura e identidade quanto à perspectiva dos Estudos Culturais, depois são explorados os personagens gaúchos que compuseram algumas tramas de televisão e por fim, é analisada a representação desses personagens nas telenovelas. Para a análise foi realizado um levantamento a partir de 2010 para avaliar o perfil dos personagens gaúchos que apareceram na televisão, nas telenovelas da Rede Globo exibidas entre as 18 e 21 horas.

2. Cultura e identidade gaúcha e a perspectiva dos Estudos Culturais

A cultura transcorre por diversos períodos e traz consigo traços de várias gerações e de seus costumes, ela se reconstrói a partir das experiências vividas de cada um e se reconfigura de e para cada geração. Há três categorias de cultura segundo Williams (1961):

1ª) a ideal – é o processo de perfeição humana, é o descobrimento e a descrição da vida e das obras, dos valores que fazem referência à condição humana;

2ª) a documental – nessa perspectiva, a análise da cultura se dá de forma crítica, como a linguagem se manifesta a partir de obras intelectuais;

3ª) a social – é a descrição de um determinado modo de vida, é o esclarecimento dos significados e valores de uma determinada cultura.

O trabalho tende a olhar a cultura gaúcha pelo viés documental proposto por Williams (1961), visto que, as telenovelas mesmo sendo produtos ficcionais, são baseadas em ações cotidianas, cabe então, a partir delas observar de que modo são representados os personagens gaúchos nestes produtos audiovisuais.

As definições são necessárias para que possa haver um entendimento sobre os valores da atividade humana e, a variação de significados para cada pessoa deve decorrer de um entendimento de cultura complexa já que os conceitos se inter-relacionam uns com os outros e devem ser entendidos a partir de uma base contextual, seja ela histórica ou não. Williams (1961) define a teoria da cultura como o estudo das



relações entre os elementos de todo um modo de vida. Fato que torna visível a cultura gaúcha, afinal, ser gaúcho não é apenas um gentílico para quem nasce no estado do Rio Grande do Sul, mas também, um modo de vida, guiado por vários elementos e hábitos característicos de quem pertence à região.

O principal fator que torna a reconfiguração da cultura possível é a comunicação. Ela dá a possibilidade às pessoas para reconfigurar a cultura de modo que seja mais coerente com seu estilo de vida tornando-a mais palpável e entendível para cada geração futura.

Uma cultura são os sentidos comuns, o produto da experiência pessoal e social inteiramente comprometida de um homem [...] Estes sentidos [...] são construídos enquanto vivemos, são construídos e reconstruídos de maneiras que nós não podemos saber antecipadamente (WILLIAMS, 1989, p.8).

A partir da ideia de “cultura como um modo inteiro de vida” (WILLIAMS, 1969), é possível perceber a cultura a partir de uma mudança social, que a alteração em qualquer elemento de um sistema complexo afeta o todo, trazendo assim uma nova perspectiva de cultura. É como uma nova moldura para a cultura, que a cada mudança ela recebe outras molduras, e assim por diante ela vai se reconfigurando, mas nunca deixando sua essência de lado, pelo contrário, sua essência é o centro de toda a estrutura da cultura, é a base de tudo.

Assim, é necessário distinguir três níveis de cultura: a cultura vivida (real, momentânea), a cultura registrada (registros históricos, obras) e a da tradição seletiva (melhores coisas, seleção) (WILLIAMS, 1961). Afinal, cada sociedade passa por estes níveis no decorrer da vida, dando origem a uma reconstrução histórica. O que é nitidamente percebido na cultura gaúcha, que para exemplificar são apresentados alguns aspectos, onde a cultura vivida integra a rotina do povo gaúcho, no caso do chimarrão apreciado todos os dias, ainda, a cultura registrada é toda a história do estado e a tradição seletiva são os hábitos linguísticos e as características dos gaúchos.

A cultura de uma sociedade corresponde ao sistema contemporâneo de interesses, valores e costumes, onde se envolve o capitalismo a partir do comércio, que é o olhar mais palpável de cultura, sendo assim, bastante abordada comercialmente, como as vendas de pilchas, filmes, músicas, novelas, etc. A partir disso é possível perceber a tradição cultural como uma relação com o contemporâneo que, aos poucos, compõe as características de cada período. Visto que, as nações se constituem de culturas separadas que foram unificadas com muita luta ao longo do tempo



(HALL,1992), ou seja, toda e qualquer cultura é um resultado da junção de várias, das quais as pessoas se identificam e sentem a necessidade de se apropriar, e não foi diferente com a cultura gaúcha, já que a mesma foi composta por diferentes culturas de diferentes povos que habitaram o Rio Grande do Sul desde períodos anteriores à migração.

No mundo globalizado são muito comuns e intensas as misturas culturais que ocorrem, a todo o momento surgem novas identidades culturais que são fluidas, que se moldam com os efeitos da globalização, ou seja, que estão em transição e que nunca cessam, estão sempre sendo “atualizadas” e ressignificadas, assim, a globalização tem efeito de deslocar e contestar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional (HALL, 1992); já que, mesmo que seja indiretamente, toda cultura está suscetível a mudanças. Além disso, Williams (1992) ainda definiu a cultura como “modo de vida global” que gera várias significações das atividades sociais e também, a cultura como atividades artísticas e intelectuais (essa segunda perspectiva é o que muitos entendem por cultura – ideia bastante restrita para o termo que envolve várias significações, principalmente das experiências de vida e não somente como reprodução física da arte).

A globalização interfere em todas as culturas, ela não extingue as bases e estruturas, e isto pode contribuir para deixar uma cultura local ainda mais forte, destacando em maior proporção as características de cada estado ou país.

Já as identidades, segundo Woodward (2009), existem a partir da diferença, ou seja, elas se relacionam a algo e só é possível o seu entendimento se uma coisa contrária a ela existir, um exemplo disso é quando alguém fala que é brasileiro – uma pessoa só é brasileira porque ela não é japonesa – assim, entende-se que as identidades são marcadas por meio de símbolos e sua construção pode ser simbólica ou social produzida em momentos particulares no espaço-tempo. O mesmo pode ser aplicado ao gaúcho, que só é gaúcho porque não é carioca, além disso, as identidades se moldam a partir das perspectivas de determinados indivíduos que sentem a necessidade de se inserir em um meio do qual acham que fazem parte ou que sintam a necessidade de integração em um grupo, é o que acontece com algumas pessoas que passam a morar no Rio Grande do Sul e adotam o estado como seus, passando a ter os mesmos costumes de quem é do estado desde que nasceu, ou seja, natural do Rio Grande do Sul.

Segundo Hall (2006) há três concepções de identidade: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A primeira concepção

descreve um sujeito inteiramente certo de suas razões, totalmente centrado, a segunda, diz respeito a um sujeito que não é autossuficiente e que depende de outras pessoas para mediar e a partir disso formar sua própria concepção de mundo, e a terceira, refere-se a um sujeito que não tem uma identidade sólida permanente, fixa, a identidade desse sujeito é uma “celebração móvel”, ela é definida historicamente (HALL, 2006).

No atual mundo globalizado se torna praticamente impossível manter uma identidade permanente, as identidades se moldam a cada nova representação e ressignificação cultural que surge. A concepção da identidade do sujeito pós-moderno é a mais contemporânea, a partir dela as pessoas se identificam com coisas de diversos gêneros, ela não se prende a uma estrutura, mas sim, a várias e se molda em e para cada uma delas.

[...] Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p. 17-18)

O sentimento de pertencimento tem total influência nas pessoas, já que no momento em que se sentem parte de um estado ou região onde se encontram, passam a adotar as perspectivas daquele meio para si próprias, e isto acontece naturalmente. Essa identidade pós-moderna, proposta por Hall (2006), se tornou possível a partir do processo de globalização que está relacionado à modernidade tardia. As sociedades modernas sofrem mudanças constantemente, mudanças essas que nunca cessam, e que tornam a história complexa a partir das adaptações que são necessárias para que novas perspectivas possam se integrar a esse jeito de pensar de uma sociedade em que suas articulações parciais estão sempre abertas – como argumenta Laclau (apud HALL, 2006) – a tais perspectivas.

A globalização, como mudanças e processos que se resumem no termo, veio à tona no século XX, processos estes que integram e conectam comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, como diz Anthony McGrew (apud HALL, 2006), e tornam o mundo uma esfera interconectada. O que comprova que as identidades se localizam em espaço e tempo simbólico é a perspectiva definida por

Edward Said (apud HALL, 2006) como “geografias imaginárias”. Outro fator tensionado a partir da globalização é a distinção entre o “local” e o “global” que se dá através da homogeneização cultural gerada pelos sentidos distintos, mas que se interconectam às identidades, porém cabe ressaltar que as maiores identificações se dão pelo local, mesmo que este se perpetue no global, assim como o global se instala no local. É o que se percebe nas pessoas gaúchas, elas sentem orgulho de sua cultura e têm a mesma como uma herança muito cara, ou seja, mesmo que se apropriem de traços de culturas globalizadas, a cultura local gaúcha sempre vai ser mantida com um apreço enorme pela mesma e com predominância.

A ideia de “identidade” surgiu a partir da crise de identidade e da consequente necessidade de pertencimento (HALL, 2006), desencadeada a partir dos sentidos contidos entre o “dever” e o “ser”, é um conceito ambíguo e que é contestado, pois sofre variações e estabelece uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação. Apesar da identidade da qual uma pessoa se apropria dela como sua, ela nunca saberá se esta é a que lhe será mais satisfatória e, no mundo fluido do qual fazemos parte é arriscado comprometer-se a apenas uma identidade (BAUMAN, 2005), afinal, as identidades são “passos” que devem ser moldados ao longo da vida no âmbito social. Assim, a partir desses aspectos pode ocorrer o interculturalismo⁴, que é a interação entre culturas e que desponta pelo fato da era globalizada deter várias perspectivas de tudo o que rodeia as pessoas, fazendo com que elas se apropriem de várias identidades e transformando todas elas em apenas uma da qual denominam de sua identidade, como se ela pertencesse unicamente a uma pessoa. Mas, como afirma Hall (apud BAUMAN, 2005), a diversidade cultural é o destino do mundo moderno então, cabe às pessoas se apropriarem das identidades como elas bem entenderem, fazendo com que haja uma enorme diversidade, que estejam passíveis à análises, no mundo globalizado no qual estejam sujeitas à alterações conforme as necessidades – que cada pessoa sente – de pertencimento.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em

⁴ Interculturalismo pode ser entendido como uma mescla de muitas culturas que interagem entre si e que somam aos seres sociais novos modos de vida, modificando suas identidades.

andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 1992, p. 38-39)

No contexto do atual mundo globalizado é visível a pluralidade de identidades e do que as compõe. Além da capacidade de adaptação dos sujeitos em relação às novas perspectivas, novas polêmicas, novas tendências do ser social e de tudo que o deles fazem parte através das apropriações que fazem para se preencher, se sentirem mais autênticos.

As identidades são construções marcadas pelas diferenças existentes entre o “ser” e o “não ser” construídos durante a vida das pessoas a partir do momento em que elas se identificam como seres independentes e sentem a necessidade de se inserirem em algum grupo ou simplesmente de associar sua identidade às coisas de que mais se familiarizam (SILVA, 2009).

Com base nos conceitos apresentados é interessante estudar a identidade gaúcha para compreender de que modo ela é representada na televisão ou no meio audiovisual e que sentidos passa a partir dessas representações, assim como, com que frequência a cultura gaúcha é mostrada nas telenovelas e com qual intensidade.

3. Personagens gaúchos em telenovelas da Rede Globo

Através de um mapeamento das telenovelas da Rede Globo, de 2010 a 2014, foram identificados alguns personagens. Seguem dados obtidos.

3.1 Araguaia (2010)

O gênero da telenovela era o drama, a novela se passava no horário das 18 horas, e contava a saga de um homem que desafia o seu destino em nome do amor e da justiça. Na telenovela há dois personagens gaúchos, Solano Rangel (interpretado por Murilo Rosa), é justo e corajoso, é o herói da história, ele utiliza alguns termos gauchescos para deixar a fala mais forte, o personagem foi embora muito cedo do Rio Grande do Sul. O outro personagem é Max Martinez (interpretado por Lima Duarte), é arrogante, desonesto, e passa por cima de todos que atravessam seu caminho, e fala o gauchês bem puxado.

As cores que compõem as cenas nas quais o personagem Solano aparece são vivas, fazendo alusão à sua boa índole, são utilizadas vestimentas gauchescas, e as cenas são longas em relação às dos outros personagens.

Para o personagem Max as vestimentas utilizadas eram gaúchas, e tinha como estampa principal o xadrez, a gestualidade do personagem se compunha por elementos que marcassem sua arrogância, e também aparecia bastante na trama. As cenas em que Max aparecia eram compostas por sombras, dando um sentido sombrio ao personagem.

Os dois personagens aparecem na maioria dos capítulos pelo fato de pertencerem ao núcleo principal e à trama se desenvolver a partir das histórias das famílias deles.



Figura 1 – Solano

Fonte: <http://mdemulher.abril.com.br/>



Figura 2 - Max

Fonte: gshow.globo.com/novelas/Araguaia/index/html

3.2 A vida da gente (2011)

O gênero da telenovela era o drama, era exibida às 18 horas. A novela é ambientada em sua maioria em Porto Alegre, Gramado e Canela, além da cidade cenográfica montada no Projac, e a trama era norteadada por um triângulo amoroso composto por Ana (Fernanda Vasconcellos), Rodrigo (Rafael Cardoso) e Manuela (Marjori Estiano), que são os personagens gaúchos da telenovela, nascidos em Porto Alegre. Segundo Jayme Monjardim – diretor de núcleo –, a novela não enfatiza os costumes dos gaúchos, ela tem uma linguagem brasileira.

Ana é uma ótima tenista, mas vive sob a pressão da mãe para que se torne uma grande campeã, porém é humilde, não se deslumbra com o sucesso. A fotografia da telenovela é composta por cores quentes e vivas que representam a alegria, ingenuidade e dedicação da personagem com tudo o que faz, fato que muda no momento em que a história sofre uma reviravolta já que Ana sofre um acidente e fica em coma por um tempo no hospital, onde o clima é de medo e tensão, as cores passam a ser mais neutras e frias, a trilha sonora acompanha as mudanças ao longo dos acontecimentos fazendo com que os sentidos se completem na composição das cenas. A personagem aparece por longos períodos nas cenas das quais faz parte.

Manuela é rejeitada pela mãe, tem sua irmã Ana como melhor amiga, fortalecendo assim os laços com ela. A personagem leva a vida de maneira leve e alegre, que tomam sentido não só através do discurso da personagem, mas também, pela iluminação viva e cores alegres que compõem as cenas em que aparece. Faz-se presente por um tempo relativamente grande na telenovela.

Por fim, Rodrigo leva sua vida do mesmo modo com que Ana e Manuela levam as suas na maior parte da trama. As cenas são marcadas com cores vivas e quentes, representando a alegria da juventude. Mais tarde, com o surgimento dos problemas que Rodrigo tem de enfrentar os sentidos da trama vão tomando outro rumo, mas logo voltam ao equilíbrio. O personagem é marcado pela dúvida de quem é seu grande amor, e só no final da trama é que ele descobre. Aparece com frequência e por longo tempo nas cenas.



Figura 3 – Manuela, Rodrigo e Ana
Fonte: <http://mdemulher.abril.com.br/>

Os três jovens gaúchos têm comportamentos comuns aos de outros jovens que se encontram em situações e condições semelhantes às deles. Mesmo que a trama é ambientada em território gaúcho, o que acontece na maior parte da telenovela, não ocorre associações com hábitos, costumes e tradições culturais locais, a única referência ao estado são os cenários de Porto Alegre, Gramado e Canela.

3.3 Geração Brasil (2014)

O gênero da telenovela era comédia, drama e romance. A novela era exibida às 19 horas, e a trama abrangia facetas do mundo digital/tecnológico. O ator Leandro Hassum interpreta em alguns capítulos vários personagens, e um deles é um gaúcho, primo de Barata, o personagem que o ator interpretou durante toda a trama. O personagem se chamava Barata Gaúcho, falava gírias gaúchas para marcar bem o discurso e defendia outro tipo de C.T.G., o Centro de Tradições Gays, porém o personagem apareceu em apenas duas cenas da novela.

O personagem tem um discurso irônico, o que se fortalece através da trilha sonora, a iluminação é composta por elementos relacionados como cenário

interno/escritório e dinamicidade dos personagens através de uma cena cômica. As cores são neutras e os trajes do personagem são de origem gauchesca (chapéu e lenço), além de estar tomando um chimarrão na cena.



Figura 4 – Barata Gaúcho

Fonte: <http://globotv.globo.com/rede-globo/geracao-brasil/>

Este personagem de Geração Brasil foi representado de forma estereotipada, já que a maioria dos aspectos e costumes culturais locais foram inseridos em um único personagem. Barata Gaúcho utilizava a pilcha quase que completa, apareceu em cena tomando chimarrão, utilizava as expressões típicas, e ainda era dono de um sotaque que tinha por objetivo imitar o dos gaúchos. Todos esses aspectos levantados estavam presentes em sua pequena aparição, em um único capítulo.

4. A telenovela Império e seu personagem

A telenovela foi exibida na Rede Globo, no horário nobre das 21 horas de julho de 2014 a março de 2015, em 203 capítulos. Foi escrita por Aguinaldo Silva e colaboradores e a trama se encaixa nas categorias romance e drama.

A novela foi composta de situações comuns ao cotidiano dos telespectadores, como escândalos e disputas familiares, homofobia, violência, paixão, dentre outros. Um breve resumo retirado do site Memória Globo (2015, on-line) exemplifica a trama de forma sucinta e já torna possível uma compreensão da mesma para quem não a acompanhou: “Após uma decepção amorosa, José Alfredo (Chay Suede/Alexandre Nero) constrói a Império, uma rede de joalheria cobiçada por seus herdeiros”.

O personagem gaúcho da trama é Josué, interpretado na primeira fase da novela pelo ator Alejandro Claveaux, natural de Goiânia, e na segunda fase e maior parte da trama por Roberto Birindelli, de naturalidade uruguaia, mas que residiu por um longo período em Porto Alegre.

A opção pelo personagem se deu pelo fato de ser o caso mais recente em telenovelas e um personagem, que mesmo não sendo protagonista, foi de extrema importância na trama. O gaúcho apareceu em quase todos os capítulos e em maioria

acompanhando o protagonista, o grande Imperador. Outro motivo que direcionou a escolha foi porque o personagem faz referência à cultura gaúcha somente através das suas falas, e não representa o gaúcho de uma forma estereotipada.

Josué é o motorista particular do protagonista, o Comendador José Alfredo, é um personagem secundário na trama, mas de grande visibilidade já que, na maioria das ações do personagem principal, Josué é peça fundamental. Ele é o braço direito do Comendador, os dois se entendem com grande facilidade.

Antes de ser motorista Josué trabalhava no garimpo, onde conheceu seu futuro patrão, ao qual se manteve extremamente fiel durante toda a trama: Josué terminou um relacionamento com a secretária e assistente pessoal da esposa de seu patrão, pois a mesma tentava arrancar informações sobre o comendador para então repassá-las à sua patroa, além disso, o personagem era capaz de fazer qualquer coisa pelo comendador, achava que tinha a obrigação de realizar tudo que estivesse ao seu alcance para expressar sua fidelidade ao homem de preto (assim também era chamado o comendador, pois só usava roupas da cor preta).

Segundo Brait (2002), “personagens são as representações das pessoas na ficção”, e sua construção se dá pela linguística, que são os textos literários, ângulos de cenas, características e hábitos do ser representado. Aristóteles definia a personagem como reprodução dos seres humanos, deste modo, Brait (2002) resgatou seu conceito de verossimilhança interna de uma obra. Afinal, transmitir a realidade é complexo no que tange ao tempo e contexto histórico, porém, a reprodução é algo tangível, tornando a representação possível a partir das noções do que é real. O que se percebe na representação do gaúcho a partir do personagem Josué, em que sua gauchidade é percebida no discurso verbal, onde dialoga expressões conhecidas e bastante utilizadas de quem vive no Rio Grande do Sul. Algumas dessas expressões são: guri (a), bah, tchê, revertério, relho, etc... Claro que todas construídas em discursos nos quais se compreende o tom gauchesco. Além disso, o personagem faz referência à churrascarias, que são mais comuns no estado e tem um sotaque característico.

Pelo que se constatou, o discurso de Josué foi construído e interpretado com bastante naturalidade, o personagem se tornou natural na trama, seu discurso verbal não era expresso forçadamente, mesmo ele sendo o único personagem gaúcho envolvido em Império.



Figura 5 – Josué na segunda fase de Império
Fonte: <http://globotv.globo.com/rede-globo/imperio/>

5. A representação do gaúcho na telenovela Império

Os conceitos de identidade e diferença são relacionados ao de representação, que pode ser entendida como a expressão da cultura através de signos e da linguagem, seja ela real ou na própria consciência. Hoje, a representação é vista sobre o viés do pós-estruturalismo⁵, onde ela é totalmente exterior, ou seja, ela é expressa, e não é tida como antes era, na consciência. Ela é um sistema linguístico e cultural que atribui significação a tudo o que gera, seja material ou simplesmente expressado e só é por meio da representação que a identidade se torna possível, que se pode dizer o que ela é (SILVA, 2009). “A representação através da linguagem, portanto, é central para os processos através dos quais é produzido o significado” (HALL, 1997, p.1).

Todas as práticas de expressão podem ser consideradas linguagens, pelo fato de expressarem o que se deseja dizer (HALL, 1997) e se isto for compreendido, afinal, a representação é a expressão/reprodução de sentidos.

A compreensão de tal expressão é fruto da relação entre signo e conceito, que originam o significado, e conseqüentemente, a representação (HALL, 1997).

Existem três abordagens que explicam como funciona a representação. Na reflexiva o significado se encontra no objeto/pessoa/ideia ou evento do mundo real, e o significado é refletido verdadeiramente. A intencional é contrária à primeira, é quando alguém atribui um significado único à alguma coisa e, a abordagem construcionista ou construtivista explora o fato de que o significado das coisas são a elas atribuídos por meio dos sistemas de representação (HALL, 1997).

Contextualizando o conceito de representação com o personagem Josué, é possível compreender como é então representado o gaúcho na telenovela Império. O discurso construído para o personagem dá total segurança no momento em que se

⁵ Pós-estruturalismo: rede de pensamento que possui diversas formas de prática crítica; é interdisciplinar – comunica com diversas áreas.



transfere a uma pessoa características regionais que a distinguem de todos os outros personagens, visto que os demais são de regiões bastante distintas, como o Nordeste e o Rio de Janeiro.

Na telenovela a cultura gaúcha é expressa unicamente pelo discurso verbal do personagem, não são referenciados signos como as vestimentas, o cavalo e o chimarrão, por exemplo.

Para a análise, as cenas do personagem escolhidas foram três⁶, uma do início da telenovela, transmitida no 14º capítulo, no dia 05 de agosto de 2014, a segunda cena foi do 18º capítulo, dia 09 de agosto de 2014, e a terceira e última cena escolhida foi transmitida no dia 13 de março de 2015, cena do último dia da telenovela, 203º capítulo. Na maioria das cenas Josué se veste de modo despojado, e nas escolhidas o personagem pouco utiliza expressões típicas, mas sempre mantém o sotaque gaúcho, e as cenas escolhidas foram as que o personagem teve influência nos acontecimentos.

Na primeira cena Josué se mostra o homem de confiança de José Alfredo, ele segue a filha bastarda do Comendador e a convence de ir até seu patrão, usa da artimanha da ameaça para conseguir realizar as vontades do homem todo poderoso. Josué diz à bastarda (Cristina Medeiros, interpretada por Leandra Leal) que veio a mando do comendador, e afirma que o mesmo não gosta de ser contrariado, usando um tom de voz de superioridade com a moça, mas a ela se recusa a ir, e aflita com a situação tenta reagir para que Josué a solte afirmando: “eu só vou depois de morta”, então o personagem insinua matar a moça mostrando-lhe o revólver que carrega na cintura. A cena acontece de noite, por isso a composição da mesma se dá pela escuridão, se passa na rua e ainda possui uma música com sentido de tensão.

Na segunda cena escolhida Josué conversa com José Alfredo em frente à Império das Joias, a joalheria da família Medeiros. É dia e além do diálogo entre os dois só se escutam os barulhos dos carros na rua. Josué cumprimenta o Comendador, diz que visualizou sua mensagem e que pensou em telefonar, então o comendador diz que não era preciso, e recebe uma má notícia de Josué, ele diz que Maria Marta, a esposa de Zé Alfredo, levou Cora (tia de Cristina) embora, que teria dormido dentro da empresa, com

⁶ Cena 1 - <http://globo.tv/globo.com/rede-globo/imperio/t/cenas/v/josue-encontra-cristina-e-a-leva-para-a-imperio/3544660/>

Cena 2 - <http://globo.tv/globo.com/rede-globo/imperio/t/cenas/v/jose-alfredo-fica-furioso-ao-saber-que-maria-marta-levou-cora-em-casa/3554315/>

Cena 3 - <http://globo.tv/globo.com/rede-globo/imperio/t/cenas/v/josue-entrega-arma-para-ze-alfredo/4034166/>

isso o Comendador fica preocupado e manda Josué buscar imediatamente o carro para irem atrás das duas. Neste momento uma música com sentido de descontração começa a tocar, já que o Comendador imagina as tramoias de que Marta é capaz.

Por fim, a última cena escolhida acontece durante a noite, ela começa na casa do antigo mordomo da família, a trilha sonora ao fundo esclarece um clima de tensão e perigo. O personagem utiliza expressões como “cabreiro” e “peleia”, e Zé Alfredo está desconfiado com tudo e todos. Josué pergunta “*tá cabreiro comigo, Comendador?*”, E então ele pergunta para que é a arma que Josué carrega, e o mesmo lembra o Comendador que mais cedo havia afirmado que não iria entrega-la, e por isso o Zé ficou “engasgado” até aquele momento, então Josué diz “pois é, a *peleia tá* ficando mais feia, eu não quero que o senhor seja pego desprevenido, pode pegar (a arma que ele carrega), que eu tenho a minha aqui”, os dois debatem sobre a arma e Zé Alfredo chama Josué de amigo, que afirma “*tamo junto até o dia da minha morte*”, e Zé diz “o único que eu posso confiar”, e os dois saem de cena.

Também há de se considerar que dentre as representações atribuídas ao gaúcho, para além do texto verbal, existe um conjunto de valores que compõem o estereótipo das pessoas nascidas no estado do Rio Grande do Sul, que são associados ao personagem. Alguns desses valores são fidelidade, valentia e coragem, seriedade, comprometimento, gentileza e ética, que são atribuídos à figura heroica do gaúcho forjada pela história e pela literatura regional dos séculos XIX e XX.

6. Considerações finais

A representação dos personagens do típico gaúcho (que utiliza as vestimentas e as expressões tradicionalistas) como é o caso na telenovela Araguaia, passou na telenovela A Vida da Gente, para o gaúcho neutro (que não depende do discurso do personagem, mas também de elementos extra cenográficos que compõem a trama, como era o caso do cenário), logo depois surge em Geração Brasil um gaúcho de perfil descontraído e que defende interesses de minorias, mas que quase não aparece na novela (apenas em duas cenas de um capítulo), e por fim, o perfil é de um gaúcho sério, mas que evidencia a cultura regional apenas em seu discurso verbal, como é no caso de Império.

Apesar dos fatores destacados, os personagens gaúchos das telenovelas de 2010 ao início de 2015 têm participação branda, porém fortes, sejam elas positivas (como na maioria dos personagens) ou negativas (como o personagem Max de Araguaia), a



maioria dos personagens teve destaque nas tramas, mas ainda é escasso o modo como é representada a cultura gaúcha – são algumas raras expressões ou vestimentas que caracterizam as cenas, de forma minimalista – e o perfil gaúcho quase não é criado para as telenovelas.

Os personagens gaúchos são representados nas telenovelas “resumidamente”, de forma sucinta”, ou seja, os aspectos da cultura regional são percebidos em uma palavra, em uma indumentária ou em um cenário, e em maioria são personagens de boa índole e caráter. Além de que os personagens gaúchos que têm por papel evidenciar a cultura regional, geralmente fazem parte de tramas paralelas.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BRAIT, Beth. **A Personagem**. Ed. 7. São Paulo: Editora Ática, 2002

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: Uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003
_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

<http://globotv.globo.com/> - Acesso em 21 de abril de 2015.

<http://memoriaglobo.globo.com/> - Acesso em 26 de agosto de 2014 e em 06 de abril de 2015.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Alejandro_Claveaux - Acesso em 18 de abril.

<http://www.robertobirindelli.com.br/> - Acesso em 16 de abril de 2015.